

ACIDENTES DE TRÂNSITO ENTRE OS ESTUDANTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Helena Hemiko Iwamoto*
Renata Cobo de Oliveira**
Maria Helena Barbosa***
Elizabeth Barichello****

RESUMO

Esta pesquisa, de natureza descritivo-exploratória, foi realizada com o objetivo de descrever a ocorrência de acidentes de trânsito e identificar a presença de comportamentos de risco entre os estudantes ingressantes e concluintes dos cursos de graduação de uma universidade pública. Os 125 entrevistados, cuja idade média era 20,7 anos, eram, em sua maioria, oriundos de famílias com renda de mais de cinco salários mínimos (60%), mulheres (75,2%), e tinham a Carteira Nacional de Habilitação (51,2%). Em torno de 30% dos estudantes já haviam sido vítimas de acidentes de trânsito, a maioria considerava como maior causa de acidentes a imprudência do condutor, e 50% deles “sempre” usavam cinto de segurança ao dirigir. Os resultados evidenciam a presença de comportamentos de risco em relação aos acidentes de trânsito, entre os universitários e a necessidade de maior divulgação da importância da prevenção de acidentes.

Palavras-chave: Enfermagem. Acidentes de Trânsito. Adolescente. Prevenção de Acidentes.

INTRODUÇÃO

Com o avanço tecnológico, os acidentes de trânsito têm-se destacado pela produção de ferimentos graves, incapacidades e mortes, gerando altos custos financeiros e sociais. A diferença entre os índices de acidentes de trânsito de países desenvolvidos e subdesenvolvidos está correlacionada com o poder público, que tem a responsabilidade de criar e fazer cumprir as leis de trânsito⁽¹⁾.

Na década de 90, mais de um milhão de pessoas morreram vítimas de violência e acidentes, dentre as quais 310 mil em acidentes de trânsito. Nos anos entre 1998 e 2001 observou-se um decréscimo do número de óbitos por acidente. Este período coincide com a promulgação da nova lei de trânsito, que prevê aplicação de multas para os motoristas que transitarem em velocidade acima do permitido para o local; porém a partir de 2001 os índices de mortalidade por acidentes voltaram a subir⁽²⁾.

Segundo o Registro Nacional de Acidentes e Estatísticas de Trânsito (RENAEST), a frota de veículos no Brasil, em 2003, era de 36.658.501. Ao se considerar o perfil dos motoristas

brasileiros em 2007, constata-se que prevaleciam os do sexo masculino, ou seja, do total de 42.672.418 condutores, 71,2% eram homens. Da mesma forma, entre os homens tem-se elevado a estatística de óbitos. Em 2004, dos 127.470 óbitos ocorridos por causas externas, 84% ocorreram com a população masculina, e os dados de 2007 indicam que, do total de 42.672.418 óbitos, 71% foram de pessoas do sexo masculino⁽³⁾.

Em relação aos acidentes com pedestres, entre os anos de 1996 e 2005 houve um decréscimo da taxa de mortalidade, de 8,2 para 6,3/100.000 habitantes, mas no mesmo período houve um aumento da taxa de mortalidade de passageiros de veículos motorizados, de 2,7 para 8,9/100.000 habitantes, e aumento de 540% de óbitos com motociclistas, ou seja, uma variação da taxa de mortalidade de 0,5 para 3,2/100.000 habitantes⁽⁴⁾.

Pesquisa realizada em um município de médio porte constatou alta letalidade de acidentes de trânsito entre pedestres ciclistas e entre pedestres e motociclistas, sendo os de maior contingente de vítimas fatais aqueles entre pedestres e ciclistas. Ao comparar o risco de

*Enfermeira, Doutora e Professora Adjunta da UFTM, Uberaba-MG, Email: helena.iwamoto@gmail.com

**Enfermeira. Email: renatacobo@hotmail.com

***Enfermeira, Doutora e Professora Adjunta da UFTM. Email: mhelena331@hotmail.com

****Enfermeira, Doutora e Professora Adjunta da UFTM. Email: lizabarichello@hotmail.com

acidentes do grupo anterior com os automobilistas, constatou-se um risco oito vezes maior de morte, quatro vezes maior de lesão e duas vezes maior de atropelamento de um pedestre ou motociclista⁽⁵⁾.

Por outro lado, a imprensa jornalística tem noticiado, quase diariamente, que o comportamento inadequado de alguns jovens condutores de veículos pode influenciar de forma negativa as condutas de outros usuários das vias públicas, como pedestres e ciclistas, que passam a apresentar as mesmas atitudes. Ao buscar as razões que levam os jovens a cometerem infrações de trânsito, observa-se que eles apresentam a tendência de minimizar as consequências de acidentes de trânsito, por considerarem aceitável exceder a velocidade permitida nas vias públicas e imaginarem que dirigir alcoolizado não interfere na condução do veículo.

Vale ressaltar que, no Brasil, o maior contingente de condutores de veículos é constituído de jovens, os quais, por suas características, são os mais vulneráveis aos acidentes de trânsito, o que se impõe a necessidade de buscar estratégias para mudanças de atitude, por meio de programas de educação, prevenção e promoção da saúde⁽⁶⁾.

Diante deste contexto, este estudo tem como objetivo identificar a ocorrência de acidentes de trânsito entre os estudantes ingressantes e concluintes dos cursos de graduação de uma universidade pública federal, descrever o perfil sociodemográfico dos estudantes vítimas de acidentes de trânsito e identificar a presença de comportamentos de risco para a ocorrência destes acidentes.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida com o cumprimento dos preceitos da Resolução 196/96 do CNS e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), sob o Protocolo 1.185.

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório. A população se constituiu de todos os estudantes regularmente matriculados no primeiro período (ingressantes) e no último

período (concluintes) dos cursos de graduação na área de saúde (biomedicina, enfermagem, fisioterapia, medicina e terapia ocupacional).

A população foi definida a partir da lista de estudantes concedida pelo Departamento de Controle e Registro Acadêmico da Universidade. O número de alunos matriculados no primeiro e último períodos totalizava 172 indivíduos. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário contendo dados sociodemográficos (sexo, idade, estado civil e renda familiar), de trânsito (carteira nacional de trânsito, uso de cinto de segurança e outras) e as experiências relacionadas com o trânsito vivenciadas nos últimos cinco anos.

Os questionários foram aplicados no recinto da universidade, antes do início das aulas com a permissão do professor, no período matutino, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram excluídos da amostra os alunos que não estavam presentes no horário da aula na qual se realizava a coleta dos dados. Cada aplicação do questionário teve duração média de 20 minutos. A coleta dos dados foi realizada durante os meses de setembro e outubro de 2008.

Todos os dados coletados foram codificados, digitados e armazenados em um banco de dados formato Excel®, que possibilitou a organização das informações e posterior análise. Utilizou-se estatística descritiva para apresentação dos resultados, adotando-se distribuições e frequências (absolutas e relativas) e medidas descritivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No segundo semestre de 2008 estavam regularmente matriculados nos cursos de graduação da UFTM 105 alunos do primeiro período (ingressantes) e 67 do último período (concluintes), totalizando 172 estudantes. Destes, participaram desta pesquisa 125 estudantes, dos quais 77,1% eram ingressantes e 65,7% eram concluintes. A maior participação, entre os ingressantes, foi registrada do curso de enfermagem (95,2%), e entre os concluintes, no curso de biomedicina (100%). Todos os cursos da universidade têm duração de quatro anos, exceto o de medicina, que tem seis anos. Além desta particularidade, os cursos de fisioterapia e

de terapia ocupacional são cursos novos, não havendo concluintes.

É interessante destacar o predomínio, na participação na pesquisa, de estudantes do gênero feminino em todos os cursos, a saber: 100% no curso de graduação em enfermagem, 94,1% no de fisioterapia, 85,7% no de terapia ocupacional, 75% no de biomedicina e 54,8% no curso de medicina. Quanto ao estado civil, todos os estudantes de medicina e de fisioterapia eram solteiros, e nos cursos de biomedicina, enfermagem e terapia ocupacional houve apenas um estudante casado em cada um deles.

A média da idade dos estudantes foi de 20,7 anos, variando entre a mínima de 17 e a máxima de 37 anos. A média da idade dos estudantes de medicina e de biomedicina foi de 21,5 anos, variando entre 18 e 23 anos e de 18 a 25 anos, respectivamente; e a dos de enfermagem foi de 21 anos, com variação entre 21 e 29 anos. Já a média da idade dos alunos de fisioterapia foi de 18,8 anos, variando entre 18 e 20 anos, e a dos estudantes de terapia ocupacional foi de 20,2 anos, com mínima de 18 e máxima de 37 anos. Em todos os cursos, a média de idade foi inferior a 24 anos, sendo que 100% dos alunos de fisioterapia se encontravam nessa faixa etária.

Em relação à procedência, 58,4% dos estudantes eram originários do Estado de Minas Gerais e 32,8% do Estado de São Paulo. No tocante aos municípios de origem, a maioria dos estudantes - a saber, 92,3% dos de biomedicina, 88,5% dos de fisioterapia, 71,5% dos de terapia ocupacional, 56,6% dos de medicina e 25% dos de enfermagem era procedente de outros municípios. Como uma particularidade, no curso de enfermagem constatou-se que 75 % deles eram originários de Uberaba, Minas Gerais.

Além do desenvolvimento socioeconômico de um país, fatores como idade, sexo e o tipo de personalidade das pessoas influenciam significativamente nos índices de acidentes de trânsito. No Brasil, um estudo realizado em 2003 destaca que há associação entre óbitos por atropelamento de indivíduos da raça negra e em pior condição social e mortes de ocupantes de veículos representados por pessoas da raça branca e melhor situação econômica⁽⁷⁾. Em 2005, a taxa de mortalidade por acidentes de trânsito entre homens foi significativamente superior à verificada entre mulheres - 32,2 e 7,1/100.000

habitantes, respectivamente. Quanto à idade, 25,5% das vítimas de trânsito tinham idade entre 20 e 29 anos e 18,7%, entre 30 e 39 anos⁽⁴⁾.

Outra característica relacionada ao perfil socioeconômico dos estudantes da UFTM refere-se à renda familiar: 60% provinham de famílias com renda superior a cinco salários mínimos (SM), 24%, de famílias com renda de três a cinco SMs, 12%, de um a três SMs, e apenas um estudante (0,8%) pertencia a uma família com renda de menos de um SM. Por se tratar de uma universidade pública, logicamente nos chama a atenção o elevado percentual de estudantes do curso de medicina com renda familiar superior a cinco SMs (78,8%), diferentemente da enfermagem, que apresentava um percentual mais elevado de renda familiar inferior a cinco SMs (63%) (Tabela 1).

Segundo o IBGE, a média de anos de estudo entre pessoas de 18 a 24 anos advindas de famílias com renda mensal familiar *per capita* de dois SMs é de 10,6 anos. Este dado diverge do tempo de estudo necessário para o ingresso às universidades públicas brasileiras, o que também é evidenciado nesta pesquisa.

Aproximadamente 20% dos estudantes tinham carro próprio e o maior percentual encontrava-se entre os de medicina (28,3%) e de enfermagem (21,4%). A maioria (62,4%) fazia o trajeto de casa para a universidade a pé, 19,2% com carro próprio, 17,6% de ônibus, carro de amigos e familiares e 0,8% de motocicleta. Dos entrevistados, 44% dos alunos de enfermagem afirmaram utilizar outros meios de transporte, como ônibus ou carona com pais/amigos (Tabela 1).

Na condição de motorista, 62,4% dos estudantes dirigiam carro; 58,4% tinham Carteira Nacional de Habilitação (CNH) e 5,6% não tinham CNH e dirigiam. O maior percentual de estudantes que tinham CNH estava entre os de medicina (71,6%), seguindo-se os de biomedicina (53,8%) e de enfermagem (50%) (Tabela 1). Dentre os ingressantes, 54,4% tinham CNH e dirigiam carro e 6,2% não estavam habilitados e dirigiam. Já entre os concluintes, 77,3% estavam habilitados e dirigiam e 4,5% dirigiam sem a CNH.

Outro dado que merece destaque foi o percentual de estudantes que já se haviam envolvido em acidentes de trânsito (32,8%). Na

situação de vítima de acidente de trânsito, o percentual de ingressantes foi de 20%, e em relação aos cursos, encontramos percentuais relativamente elevados entre os estudantes de fisioterapia e de terapia ocupacional: 57,8% e

27,7%, respectivamente. Em relação aos concluintes, 12,8% já se haviam envolvido em acidentes e o maior percentual foi encontrado entre os estudantes de medicina: 55,1% (Tabela 2).

Tabela 1. Distribuição dos ingressantes e concluintes dos cursos de graduação da UFTM segundo as características socioeconômicas, o hábito de dirigir e meio de transporte. Uberaba-MG, 2008.

	Biomedicina			Enfermagem			Fisioterapia			Medicina			Terapia Ocupacional			
Renda familiar (salários mínimos) (%)																
	<3	3 -5	> 5	<3	3 -5	> 5	<3	3 -5	> 5	<3	3 -5	> 5	<3	3 -5	> 5	
I	7,7	1,9	17,3	26	22,2	22,2	12,5	31,2	56,3	1,9	7,65	36,5	15,3	30,7	54	
C	-	4,0	28,9	-	14,8	14,8	-	-	-	4,0	7,65	42,3	-	-	-	
T	7,7	5,9	46,2	26	37	37	12,5	31,2	56,3	5,9	15,3	78,8	15,3	30,7	54	
Tem carro próprio (%)																
I	7,6			10,7			5,8			9,4			7,1			
C	-			10,7			-			18,9			-			
T	7,6			21,4			5,8			28,3			7,1			
Hábito de dirigir com e sem CNH (%)																
	Com		Sem		Com		Sem		Com		Sem		Com		Sem	
I	23		7,6		28,5		-		41,2		17,6		30,1		-	
C	30,8		-		21,5		-		-		-		41,5		3,7	
T	53,8		7,6		50		0		41,2		17,6		71,6		3,7	
Meio de transporte para universidade (%)																
	A pé	O	CP	A pé	O	CP	A pé	O	CP	A pé	O	CP	A pé	O	CP	
I	30,7	15,3	-	20	40	20	82,3	17,7	-	46,3	-	12,2	71,4	21,4	7,2	
C	46,1	7,9	-	16	4	-	-	-	-	36,6	4,9	-	-	-	-	
T	76,8	23,2	0	36	44	20	82,3	17,7	0	82,9	4,9	12,2	71,4	21,4	7,2	

I = ingressantes; C = concluintes; T = total; O = outras formas de deslocamento e CP = condução própria

Quanto ao perfil dos estudantes envolvidos em acidentes de trânsito, houve predomínio de mulheres (80%) e solteiros (88%). Dos participantes, 73,1% relataram que, no momento do acidente, encontravam-se na condição de passageiro, 24,3% estavam dirigindo o carro e

2,6% eram pedestres. O maior percentual de acidentes entre os concluintes ocorreu com estudantes de medicina (68,7%) e entre os ingressantes, com os de fisioterapia (32%). Nesta última há evidência de que os acidentes ocorreram, na sua maioria, antes dos 20 anos.

Tabela 2. Distribuição dos ingressantes e concluintes dos cursos de graduação, que já se envolveram em acidentes de trânsito. Uberaba-MG, 2008.

	Biomedicina			Enfermagem			Fisioterapia			Medicina			Terapia ocupacional		
Já se envolveram em acidentes de trânsito (%)															
I	5,8			6,8			57,8			5,7			27,7		
C	-			4,5			-			20			-		
T	5,8			11,3			57,8			25,7			27,7		
Tiveram lesões físicas (%)															
I	100			-			9,1			-			16,6		
C	-			-			-			28,5			-		
T	100			-			9,1			28,5			16,6		
Posição no momento do acidente (%)															
	M	Ps	Pd	M	Ps	Pd	M	Ps	Pd	M	Ps	Pd	M	Ps	Pd
I	-	100	-	-	60	-	18,2	72,8	9	11	12	-	33	76,7	-
C	-	-	-	20	20	-	-	-	-	16,7	60,2	0,9	-	-	-
T	-	100	-	20	80	-	18,2	72,8	9	27,7	72,2	0,9	33	76,7	-

I = ingressante; C = concluinte; T = total; M = motorista, Ps = passageiro e Pd = pedestre

Estudos indicam que os acidentes de trânsito são mais frequentes em pessoas com maior renda familiar e com histórico de infrações de trânsito

(multas, ultrapassagens inadequadas, direção sob efeito de álcool e outras)⁽⁸⁾, que os homens com idade entre 20 e 21 anos apresentam elevadas

chances de se envolver em acidentes de trânsito, sendo essas chances duas ou três vezes maiores quando comparadas às dos jovens que não apresentam este tipo de comportamento⁽⁹⁾.

Daqueles estudantes que se envolveram em acidente de trânsito, 17,1% tiveram lesões físicas, todos estudantes de biomedicina (100%). Um estudo que avaliou a gravidade dos acidentes de trânsito em uma cidade de médio porte no Paraná encontrou como principais categorias os motociclistas (38,6%), ciclistas (26,3%), passageiros (22,5%) e pedestres (9,5%)⁽¹⁰⁾.

Ao se referirem à responsabilidade pelo acidente, 83,3% dos estudantes atribuíram a ocorrência do imprevisto ao condutor, por diversas razões: imprudência (28,6%), distração (23,8%), excesso de velocidade (11,1%), ingestão de bebida alcoólica (6,3%) e ultrapassagem inadequada (4,8%). Os demais estudantes atribuíram a ocorrência do acidente de trânsito à falta de sinalização (11,1%), à pista molhada (7,9%) e às más condições da rodovia (6,3%).

Destaca-se ainda que alguns fatores, como impulsividade, ousadia e influência do grupo, exercem influência sobre os jovens, levando-os a cometer infrações de trânsito como dirigir em alta velocidade, desrespeitar os sinais de trânsito

e dirigir após o consumo de álcool e de drogas⁽¹¹⁾. Estudos que analisam os comportamentos de risco das pessoas envolvidas em acidentes de trânsito comprovam que as maiores vítimas são os jovens⁽¹²⁾.

Outro dado que nos chamou a atenção foi o fato de somente 51,2% dos estudantes entrevistados terem o hábito de utilizar “sempre” cinto de segurança, seja na condição de motorista seja na de passageiro, e de 46,3% os usarem “às vezes” e 2,5% “nunca” o usarem. Não há como negar que, pelo fato de serem estudantes da área da saúde e prestarem assistência direta ou indireta às vítimas de acidentes de trânsito, seria de esperar que houvesse maior cumprimento das leis de trânsito por parte desses jovens (Tabela 3).

Entre os estudantes que já se haviam envolvido em acidentes de trânsito, 63,4% continuavam dirigindo carro, sendo 53,8% dos ingressantes e 46,1% dos concluintes. Há que destacar ainda que 18,3% dos estudantes de fisioterapia, 11,2% dos de medicina e 16,7% dos de terapia ocupacional dirigem carro sem CNH. Estes dados indicam a existência de comportamento de risco entre os estudantes da UFTM.

Tabela 3. Distribuição dos estudantes ingressantes e concluintes dos cursos de graduação segundo envolvimento em acidentes de trânsito e CNH. Uberaba - MG, 2008.

	Biomedicina			Enfermagem			Fisioterapia			Medicina			Terapia Ocupacional		
Se dirige ou não e se tem CNH para dirigir (%)															
	ND	Dirige		ND	Dirige		ND	Dirige		ND	Dirige		ND	Dirige	
		Tem	Não		Tem	Não		Tem	Não		Tem	Não		Tem	Não
I	100	-	-	40,0	20,0	-	45,4	36,3	18,3	11,1	11,1	-	33,3	50,0	16,7
C	-	-	-	-	40,0	-	-	-	-	22,2	44,4	11,2	-	-	-
T	100	-	-	40,0	60,0	-	45,4	36,3	18,3	33,3	55,5	11,2	33,3	50,0	16,7
Uso do cinto de segurança (%)															
	S	Av	Não	S	Av	Não	S	Av	Não	S	Av	Não	S	Av	Não
I	-	100	-	20,0	40,0	-	54,5	45,5	-	16,7	2,7	-	50	50	-
C	-	-	-	20,0	20,0	-	-	-	-	38,9	16,1	5,7	-	-	-
T	-	100	-	40,0	60,0	-	54,5	45,5	-	55,6	18,8	5,7	50,0	50,0	-

I = ingressante; C = concluinte; T = total; ND = não dirige; Ntem CNH, S = sempre e Av = às vezes

Não há como negar que, atualmente, cada vez mais os brasileiros anseiam por meios de transporte mais rápidos. Por esta razão, é crescente o número de veículos motorizados nas vias públicas e, conseqüentemente, aumenta o risco de acidentes de trânsito.

Alguns estudos destacam que durante o período de obtenção de CNH há um tratado entre os jovens no sentido de que não devem dirigir

após o consumo de álcool, e que muitos consideram importante a busca de outros meios de transporte, como pegar carona ou táxi. Estes dados se relacionam, provavelmente, às campanhas de prevenção de acidentes de trânsito, demonstrando que é possível educar e estimular os jovens motoristas a adotarem atitudes saudáveis e de impacto social positivo⁽¹³⁾.

Com isso entendemos que para reduzir os acidentes de trânsito é preciso que os órgãos públicos façam um grande movimento de conscientização das pessoas quanto à necessidade de cumprir as leis de trânsito. Além disso, faz-se necessária a aplicação rigorosa das penas legais estabelecidas, bem como a melhora das condições das rodovias e sinalização adequada tanto para os pedestres quanto para os condutores de veículos. A responsabilidade pela redução de acidentes de trânsito é de todos, e deve começar entre os jovens, antes da liberação da CNH.

CONCLUSÃO

Entre os estudantes entrevistados, 75,2% eram do sexo feminino, 97,6% eram solteiros, 59,2% eram oriundos de outros municípios e a média de idade era de 20,7 anos. Em relação ao perfil socioeconômico, 60% provinham de famílias que possuíam renda superior a 5 SMs e 19,2% tinham carro, sendo, neste último caso, 12% do total referentes a estudantes de medicina (12%).

Quanto à prática de direção, 51,2% dos indivíduos dirigiam carro e tinham CNH;

entretanto, 5,6% tinham o hábito de dirigir e não tinham CNH. A maioria dos estudantes (61,6%) fazia o trajeto casa – universidade a pé e 8,8% o faziam com o seu próprio carro.

Em relação aos antecedentes com acidentes de trânsito, 32,8% dos estudantes já tinham se envolvido em acidente. Destes, 20% eram concluintes, 80% mulheres, 88% solteiros e 60,9% tinham renda familiar superior a cinco SMs. No momento do acidente, 73,1% encontravam-se na condição de passageiro e 17,1% sofreram lesões físicas.

Embora a literatura tenha constatado maior percentual de acidentes de trânsito entre pessoas do gênero masculino e a população desta investigação tenha sido constituída majoritariamente pelo gênero feminino (em torno de 80%), preocupa-nos o fato de estes estudantes, mesmo sendo integrantes o grupo saúde, apresentarem comportamentos de risco para acidentes de trânsito, tais como dirigir sem CNH (18,3% da fisioterapia), e somente 50% deles referirem ter o hábito de utilizar “sempre” o cinto de segurança quando dirigem.

TRAFFIC ACCIDENTS AMONG STUDENTS OF A PUBLIC UNIVERSITY

ABSTRACT

This study aims to describe the occurrence of traffic accidents and identify risk behaviors among the junior and senior students of a public university in a descriptive and exploratory way. Among the 125 interviewed students, the average age was 20.7 years old, mostly women, from families that earned more than 5 minimum wages (60%) and had driver's license (51.2%). Around 30% of students have already been involved in traffic accidents. Although the majority considers the driver's recklessness as the major cause of accidents, only 50% of them "always" use the seat belt while driving. The results from this study confirm the risky behavior among the university students and the importance of educational measures to prevent accidents.

Key words: Nursing. Accidents, Traffic. Adolescent. Accident Prevention.

ACCIDENTES DE TRÁFICO ENTRE LOS ALUMNOS DE UNA UNIVERSIDAD PÚBLICA

RESUMEN

Con el fin de describir la ocurrencia de accidentes de tráfico e identificar la presencia de conductas de riesgo entre los nuevos alumnos y los que están concluyendo la carrera académica de una universidad pública, se realizó esta investigación descriptiva y exploratoria. De los 125 encuestados, el promedio de edad fue de 20,7 años, en su mayoría mujeres (el 75,2%), provenientes de familias que reciben más de 5 salarios mínimos (el 60%) y que tenían el carnet de conducir (el 51,2%). Alrededor del 30% de los estudiantes ya fueron víctimas de accidentes de tráfico y, aunque la mayoría considere la imprudencia del conductor como la principal causa de accidentes, sólo el 50% de ellos "siempre" usan el cinturón de seguridad mientras conducen. Los resultados de este estudio indican la presencia de comportamientos de riesgo en los accidentes de tráfico entre los estudiantes universitarios, y la necesidad de mayor difusión sobre la importancia de la prevención de accidentes.

Palabras clave: Enfermería. Accidentes de tráfico. Adolescente. Prevención de accidentes.

REFERÊNCIAS

1. Marín L, Queiroz MS. A atualidade dos acidentes de trânsito na era da velocidade: uma visão geral. *Cad Saúde*

Pública. 2000 jan/mar;16(1):7-21.

2. Brasil. Ministério da Saúde. *Evolução da Mortalidade por violência no Brasil e Regiões*. Brasília: Ministério da Saúde [Internet]. 2008 [acesso 2009 jan. 24]. Disponível

em: <URL: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=24448>.

3. Brasil. Ministério das Cidades. Registro Nacional de Acidentes e estatísticas de trânsito. Brasília: Ministério das Cidades [Internet]. 2008 [acesso 2009 abr. 13]. Disponível em: <URL: <http://www2.cidades.gov.br/reneast/inicio>>.

4. Mello JMHP, Koizumi MS. Acidentes de trânsito no Brasil: um atlas de sua distribuição. São Paulo: ABRAMET; 2007.

5. Barros AJD, Amaral RL, Oliveira MSB, Lima SC, Gonçalves EV. Acidentes de trânsito com vítimas: sub-registro, caracterização e letalidade. Cad Saúde Pública. 2003 jul/ago;19(4):979-986.

6. Rezende MM. Percepção de fatores de risco e de proteção para acidentes de trânsito entre adolescentes. Bol Psicol. 2006 dez;56(125):241-256.

7. Souza MFM, Malta DC, Conceição GMS, Silva MMA, Gazal-Carvalho C, Morais Neto OL. Análise descritiva e de tendência de acidentes de transporte terrestre para políticas sociais no Brasil. Epidemiol serv saúde. 2007 jan/mar;16(1):33-44.

8. Andrade SM, Soares DA, Braga GP, Moreira JH,

Botelho MN. Comportamentos de risco para acidentes de trânsito: um inquérito entre estudantes de medicina na região sul do Brasil. Rev Assoc Méd Brás. 2003 out/dez;49(4):439-444.

9. Stocco C, Leite ML, Labiak VB, Virgnes Filho JS. Comportamentos de risco no trânsito entre estudantes universitários em Ponta Grossa-PR. Cogitare enferm. 2007 jan/mar;12(1):10-9.

10. Soares D, Barros M. Gravidade dos acidentes de trânsito ocorridos em Maringá, PR. Ciênc Cuid Saúde. 2006;5(0):77-84.

11. Queiroz MS, Oliveira PCP. Acidentes de trânsito: uma análise a partir da perspectiva das vítimas em Campinas. Psicol soc. 2003 jul/dez;15(2):101-123.

12. Sauer MTN, Wagner MB. Acidentes de trânsito fatais e sua associação com a taxa de mortalidade infantil e adolescência. Cad Saúde Pública. 2003 set/out;19(5):1519-1526.

13. Pinsky I, Abouvie E, Laranjeira R. Disposição e alternativas ao dirigir alcoolizado entre jovens paulistanos. Rev Bras Psiquiatr. 2004 dez;26(4):234-241.

Endereço para correspondência: Helena Hemiko Iwamoto. Av. Santos Dumont 1685, apto 602, CEP 38050-400, Uberaba, Minas Gerais.

Data de recebimento: 19/08/2009

Data de aprovação: 24/11/2009